

O LADO A E O LADO B DAS ARQUIBANCADAS DO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS DOS BAILES DE CORREDOR NA EMERGÊNCIA E DINÂMICA DE ALIANÇAS TORCEDORAS¹

Recebido em: 07/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

Fábio Henrique França Rezende²

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Campinas – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9651-7749>

Ana Luiza Pimenta Carvalho³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-4168-8202>

Felipe Tavares Paes Lopes⁴

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Campinas – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0213-7858>

Silvio Ricardo da Silva⁵

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Ouro Preto – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0584-3675>

RESUMO: Este artigo analisa as alianças entre torcidas organizadas do Nordeste do Brasil, enfatizando a influência dos bailes funk de corredor na constituição de vínculos baseados em pertencimento, territorialidade e lazer juvenil. Com abordagem etnográfica fundamentada em entrevistas semiestruturadas, observação participante e etnografias situadas, o estudo discute como os códigos de honra e a lógica dos "Lados A e B" migraram desses bailes para o universo das torcidas, estruturando confrontos físicos ritualizados e redes de solidariedade entre coletivos distintos. Argumenta-se que tais alianças revelam disputas por identidade, poder e reconhecimento simbólico, muitas vezes ignoradas pelas análises convencionais sobre o fenômeno torcedor.

¹ A presente escrita conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

² Doutorando em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol (GEF).

³ Mestre em Ciências do Esporte. Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ Doutor em Psicologia Social e Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol (GEF).

⁵ Doutor em Educação Física. Universidade Federal de Ouro Preto. Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas organizadas. Bailes de corredor. Alianças torcedoras.

SIDE A AND SIDE B OF THE STANDS IN NORTHEAST OF BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE INFLUENCES OF “BAILES DE CORREDOR” ON THE EMERGENCE AND DYNAMICS OF SUPPORTER ALLIANCES

ABSTRACT: This article analyzes the alliances among organized football supporter groups in the Northeast of Brazil, emphasizing the influence of “bailes funk de corredor” on the formation of bonds rooted in belonging, territoriality, and youth leisure. Drawing on an ethnographic approach based on semi-structured interviews, participant observation, and situated ethnographies, the study discusses how codes of honor and the logic of “Side A and Side B” migrated from these events into the universe of football supporters, structuring ritualized physical confrontations and solidarity networks among distinct collectives. It argues that such alliances reveal disputes over identity, power, and symbolic recognition – often overlooked by conventional analyses of football fandom.

KEYWORDS: Organized supporter groups. Bailes de corredor. Supporter alliances.

Introdução

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre as torcidas organizadas de futebol (TOs) e aborda um aspecto central para a compreensão da dinâmica dos conflitos entre elas: suas redes de alianças. Para tanto, debruçamo-nos sobre um contexto específico: o nordestino. Apesar de, historicamente, menos pesquisado do que o Sul e o Sudeste, o Nordeste abriga mais de 57 milhões de brasileiros, que compartilham identidades próprias e tradições culturais (extremamente) ricas, que combinam elementos retirados da África, da Europa e das populações indígenas. Também possui alguns dos clubes mais populares e tradicionais do país, que vêm ganhando protagonismo não apenas nas competições nacionais – como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil – como, também, nas competições internacionais – como a Copa Libertadores da América e a Copa Sulamericana. Além disso, abriga algumas das mais notórias TOs do Brasil, que se, por um lado, se tornaram (re)conhecidas pelas

inovações nas festas nas arquibancadas (os mosaicos são ilustrativos); por outro, têm protagonizado cenas de violência brutal (o empalamento de uma liderança no meio da rua e em plena luz do dia é ilustrativo).

No Brasil, os primeiros agrupamentos organizados de torcedores datam do fim da década de 1930 e início da década de 1940, quando o país enfrentava a censura e a repressão do Estado Novo (1937-1945), e o mundo era assolado pela ascensão do nazifascismo e pelos horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O predomínio desses primeiros agrupamentos – chamados de torcidas uniformizadas (TUs) ou de charangas – estendeu-se até o final da década de 1960, quando movimentos de jovens torcedores surgiram com a finalidade de se contrapor ao antigo modelo de torcer, acrítico e passivo diante de maus resultados e dos mandos/desmandos das decisões tomadas pelas diretorias dos clubes (Toledo, 1996).

Influenciadas pelos movimentos estudantis e de trabalhadores, que contestavam a ordem social vigente e que buscavam renovar e politizar as práticas cotidianas – “tudo é política”, dizia-se à época –, as TOs surgiram com o objetivo de ter uma atuação politicamente mais ativa nas arquibancadas do que as TUs. Seus integrantes também tendem a possuir uma relação mais visceral com a própria associação, que serve de fonte de identidade e pertencimento para eles. Pertencimento expresso em músicas, indumentárias, tatuagens, no seu estilo de vida e nos confrontos físicos (Hollanda, 2016). Outra diferença entre os agrupamentos é que, enquanto os membros das TOs são habitualmente retratados como uma patologia do futebol, como “excrescências” da arquibancada, os das TUs eram vistos, pela imprensa e pelo poder público, como agentes “civilizadores”, capazes de manter a massa torcedora em ordem e garantir que

seus integrantes se comportassem “adequadamente”, segundo os princípios e valores estadonovistas (Lopes, 2012; Hollanda, 2016).

No fim dos anos 1960 e início da década de 1970, o Brasil vivia, ao mesmo tempo, o chamado “milagre econômico” e os “anos de chumbo” da ditadura civil-militar (1964-1985). As arquibancadas eram, portanto, uma das poucas opções para as pessoas se reunirem e formarem grupos, uma vez que a repressão das autoridades militares contra dissidentes era brutal. Cientes da popularidade do futebol e da sua importância para a formação da identidade nacional, tais autoridades buscaram se apropriar do futebol e fazer um uso ideológico dele, a fim de legitimar o regime militar e encobrir os sequestros, perseguições, torturas e assassinatos que levavam a cabo. Assim, investiram na construção de estádios de futebol, como o Mineirão, o Manguirão e a Fonte Nova.

Ao mesmo tempo em que os militares investiam nessas construções, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) implementou, em 1971, o Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, gerando um calendário anual para os clubes e, por consequência, para as torcidas (Pimenta, 1997). É nesse período que as TOs ganham corpo e começam a se fazer presentes nas arquibancadas brasileiras, reivindicando protagonismo político (Toledo, 1996). Com isso, as arquibancadas tornaram-se um espaço de luta, de questionamento e de um torcer mais crítico, o que também gerou novos conflitos, alianças e inimizades. Afinal, com um calendário nacional de jogos, as TOs passaram a viajar com mais frequência e a construir um cronograma de caravanas. Foi a partir desse contexto que as alianças torcedoras começaram a se constituir.

Para compreendermos o estabelecimento dessas alianças, é preciso, antes de tudo, definir e delimitar termos como “respeito”, “amizade” e “aliança”. No campo de interações (Bourdieu, 1996) das TOs, o respeito é entendido como um pacto não formal

de agressão. Nesse sentido, ele não prevê compartilhamento logístico nem celebração conjunta entre duas torcidas. A amizade, por sua vez, tem um vínculo mais intenso: pressupõe momentos de confraternização, de celebração e, às vezes, de recepção e acolhimento de outra torcida. Já a aliança refere-se a uma espécie de “contrato”, que prevê a recepção da torcida aliada em sua sede e o apoio logístico em confrontos com torcidas adversárias. A aliança reforça e intensifica a rede de solidariedade entre as próprias TOs, uma vez que o inimigo de uma aliada também será seu inimigo. Da mesma forma, o amigo de uma aliada, na maioria dos casos, será seu amigo.

Dito isto, destacamos que, na década de 1980, as TOs começaram a constituir relações de proximidade – que ainda não podemos chamar de alianças, mas de amizades ou ajudas mútuas (pontuais). Um exemplo é a campanha que foi promovida, naquele momento, pelas diretorias de Corinthians e Flamengo: alegando que ambos eram clubes de massa, elas passaram a defender a amizade entre suas torcidas. Daí a relação de amizade entre a Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Flamengo⁶, que foi encerrada na metade da década de 1980. Outras amizades, no entanto, vieram de contatos pessoais, que, com o tempo, se transformaram em relações grupais, como foi o caso da breve relação que a Máfia Azul, do Cruzeiro, teve com a Young Flu, do Fluminense. Junto ao aumento das rivalidades estaduais entre TOs (decorrente do fortalecimento das alianças), a ideia da vingança – que passou a se instaurar com mais força entre as TOs na década de 1980 – contribuiu para o aumento da belicosidade dos confrontos entre elas. Não à toa, o primeiro assassinato atribuído a esses embates ocorreu em 1988, quando o fundador e ex-presidente da Mancha-Verde, do Palmeiras, foi morto a tiros em frente à sede da torcida.

⁶ O programa Altas Horas, mostra um pouco dessa relação entre as torcidas do Corinthians e do Flamengo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Szcs-Npydnw>. Acesso em 22 maio 2025 às 11h44.

Para mais, apesar da perseguição que as principais TOs de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram a sofrer a partir da Batalha do Pacaembu⁷, com coberturas jornalísticas sensacionalistas e com a implementação de decretos e leis que impediram sua atuação institucionalizada, houve um aumento exponencial no número de associados dessas torcidas no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (Rezende, 2024). Entre outras razões, isso deu-se porque esses grupos representavam (e ainda representam) importantes espaços de pertencimento, sociabilidade (Simmel, 2006) e de lazer (Gomes, 2014) para as juventudes (em especial, para aquelas menos favorecidas economicamente). Além disso, a violência gera notoriedade e reconhecimento para os integrantes de uma TO (Teixeira, 2001): ela é um marco identitário para eles e faz parte de seu estilo de vida (Rezende, 2024).

Medeiros, Lopes e Teixeira (2025) buscaram identificar o perfil dos integrantes das TOs. Para tanto, aplicaram questionários *online* e contaram com ajuda da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG). Entre outras coisas, identificaram que esses integrantes possuem um grau de escolaridade superior ao da média nacional e que a maior parte deles (80%) é homem e tem idade entre 18 e 35 anos (75%). A respeito da violência, Rezende (2024) afirma que a percepção dos referidos integrantes é distinta da dos meios de comunicação e das autoridades públicas e esportivas. De acordo com ele, as brigas limpas, com a utilização dos corpos como formas de ataque e de defesa, são parte fundamental das vivências torcedoras desses integrantes (especialmente, dos das TOs de pista⁸), expressando um ethos viril, que

⁷ Confronto entre a Torcida Independente do São Paulo e a Mancha Verde do Palmeiras, após a partida entre os clubes válida pela Supercopa de Júniores no ano de 1995. Este jogo estava sendo transmitido ao vivo, em canal aberto para todo o Brasil, quando os torcedores passaram a se enfrentar dentro do gramado, após o término da partida. Na ocasião, um torcedor são-paulino veio a óbito (Teixeira, 2001).

⁸ Linguagem nativa que significa o local onde os confrontos acontecem. Já os torcedores de pista são aqueles que têm pré-disposição para a participação em brigas torcedoras.

denota pertencimento e fidelidade ao grupo. Essas vivências e esse ethos são, com frequência, classificados por outros agentes – “torcedores comuns”, autoridades e a opinião pública em geral – como desviantes e, por isso, indignos de apoio.

Embora, muitas vezes, estigmatizadora e simplificadora, a vinculação entre violência e TO não pode ser desprezada. Entre os anos de 1988 e 2012, o Brasil alcançou a triste colocação de primeiro lugar no *ranking* de mortes torcedoras no mundo (Murad, 1996). Rezende (2024) levanta a hipótese de que parte dos torcedores encara as vivências das brigas como uma forma de lazer, buscando prazer e adrenalina nos confrontos. Evidentemente, as fronteiras entre a lógica do jogo e a do extermínio são porosas. De qualquer modo, os chamados “bondes de pista” advogam práticas de brigas limpas, como ocorria nos bailes *funk* de corredor no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (Cymrot, 2012).

No que diz respeito às TOs do Nordeste do Brasil, muitas delas foram fundadas no período de redemocratização do país, entre as décadas de 1980 e 1990. São, portanto, mais jovens do que as TOs do Sudeste e do Sul, que, inclusive, lhes serviram de inspiração, influenciando-as. Entre outros lugares, podemos perceber essa influência no nome das instituições - por exemplo, a Mancha Azul, do CSA, faz referência à Mancha Alviverde, do Palmeiras. Já a Torcida Jovem do Sport - que hoje se chama A Maior do Nordeste – teve seu primeiro nome inspirado na Torcida Jovem do Flamengo (uma de suas grandes aliadas).

Para compreendermos a dinâmica das TOs nordestinas, é preciso abordarmos os bailes *funk* de corredor. Afinal, nos anos 1990 e 2000, esses bailes ganharam ampla popularidade e notoriedade no circuito dessas torcidas. Especificamente no contexto cearense, tais bailes tiveram um papel preponderante na formulação e intensificação das

alianças e rivalidades entre as TOs. Ao contrário de outras regiões do Brasil, como o Rio de Janeiro, em que o lado do baile era definido pelo bairro de origem dos participantes; no Ceará, o lado era definido pelo seu pertencimento a esta ou aquela associação torcedora. Assim, os participantes que compunham o Lado A eram membros da Leões da TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza); e os que faziam parte do Lado B pertenciam à Torcida Organizada Cearamor (TOC).

Mas se as relações de rivalidade entre as TOs nordestinas são reproduzidas no contexto dos bailes *funk*, elas, com frequência, desconsideram a lógica da chamada Síndrome do Beduíno⁹ (Souza, 2020), complexificando e “ambiguizando” seu campo de interações. Nossa hipótese é que, no Nordeste, diversos confrontos entre TOs do mesmo clube acontecem, portanto, por conta do estabelecimento de alianças “problemáticas”, que as posicionam em lados contrários nas redes torcedoras. A fim de “testar” essa hipótese, debruçamo-nos sobre duas redes de aliança específicas e profundamente entrelaçadas: a União do Lado A e a União do Lado B, ambas envolvendo TOs do Nordeste. Ao fazermos isso, objetivamos compreender em que medida e como a emergência e a dinâmica dessas uniões foram influenciadas pelas representações corporais e códigos de ética que circulavam nos bailes *funk* de corredor. Antes de começarmos a responder esse objetivo, cabe, no entanto, alguns esclarecimentos metodológicos.

Materiais e Métodos

As informações apresentadas neste artigo foram obtidas, principalmente, em uma pesquisa de base etnográfica, que foi levada a cabo por um dos autores, que

⁹De acordo com ela: o amigo do meu amigo é meu amigo; o amigo do meu inimigo é meu inimigo; o inimigo do meu amigo é meu inimigo e o inimigo do meu inimigo é meu amigo (Souza, 2020).

investigou, em seu mestrado, os chamados “bondes de pista”. Sua inserção no campo de interação desses agrupamentos deu-se, inicialmente, por meio do seu contato com a diretora da torcida Força Flu, do Fluminense, que indicou o líder do BBF (Bonde do Braço Fino), do Santos. A partir desse contato inicial, foi possível estabelecer relações com lideranças de TOs e bondes de pista do Nordeste, tais como: o Bonde da Aliança, do Ceará; os Ultras do ABC de Natal; e a Tradição Justifica Fanatismo (TJF), do Náutico¹⁰.

Uma vez feito o contato com esses agrupamentos, foram realizadas seis entrevistas com suas lideranças e membros ativos. Para conduzir essas entrevistas, adotou-se um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, que proporcionassem maior liberdade de resposta ao entrevistado e permitissem o aprofundamento em determinados temas (Minayo, 2014).

Também foram realizadas observações em eventos e encontros promovidos pelos grupos, a fim de compreender, com mais profundidade, os significados atribuídos às alianças, aos códigos de honra e às práticas culturais e de lazer construídas dentro e fora do universo das TOs nordestinas. A pesquisa de campo, vale reforçar, teve como foco os estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, considerando a importância desses territórios na configuração atual das uniões entre torcidas. Para garantir a confidencialidade, os nomes reais dos participantes foram substituídos por pseudônimos, conforme preceitos éticos da pesquisa em Ciências Humanas.

¹⁰ Conhecida popularmente como Torcida Jovem Fanático. Esta teve o seu CNPJ suspenso pelo Ministério Público de Pernambuco nos últimos anos e precisou mudar de nome para que tivesse a sua atuação torcedora liberada.

Resultados e Discussão

Uma vez descrito nosso percurso metodológico, apresentamos e discutimos, agora, nossos principais resultados. Começamos por aqueles relativos à influência dos bailes de corredor na emergência das uniões torcedoras e em seguida partiremos para a União do Lado A e do Lado B.

Bailes Funk de Corredor e Sua Influência na Emergência das Uniões Torcedoras

Os bailes *funk* de corredor nasceram no estado do Rio de Janeiro, na década de 1990, no auge dos festivais de galeras¹¹ (Coelho, 2016). Certamente, esses bailes constituem um fenômeno cultural e social complexo, com suas raízes nos subúrbios e comunidades fluminenses, espalhando-se, posteriormente, para outras regiões do Brasil, incluindo o Nordeste. Os bailes são notórios pela dinâmica de confrontos corporais e pela forma como influenciaram a formação das "uniões" de TOs.

Diferentemente dos bailes *funk* tradicionais, focados na dança e na confraternização, os bailes de corredor caracterizavam-se por uma organização espacial específica e uma dinâmica de rivalidade acirrada entre grupos chamados de "galeras" ou "bondes" (Coelho, 2016). Rapidamente, tornaram-se um elemento da cultura popular brasileira e uma forma de lazer viável economicamente para jovens das periferias dos grandes centros urbanos.

A dinâmica de festejo era a seguinte: os bailes de galera (Coelho, 2016), como também ficaram conhecidos, iniciavam por volta das 00h; as pessoas iam de ônibus alugado. As passagens de ida e volta, somada à entrada no baile, custavam valores

¹¹ Refere-se aos encontros semanais organizados por equipes de som nas comunidades, onde temas sociais e midiáticos eram explorados e a "galera" (o público) participava ativamente, com concursos e outras atividades. Esses festivais eram uma parte importante da cultura do funk carioca nos anos 90, com a "galera" sendo a protagonista.

irrisórios, o que facilitava a lotação máxima das festas nas sextas e sábados. O espaço do baile era dividido em dois "lados" imaginários, geralmente chamados de "Lado A" e "Lado B", cada um ocupado por um grupo de galeras rivais. No centro desses lados, formava-se um "corredor", onde os confrontos aconteciam. O objetivo era simples: invadir o outro lado e expulsar com socos e pontapés os rivais do baile.

Conforme já antecipamos, no Rio de Janeiro, os lados dos participantes eram definidos pelos bairros que eles residiam (Coelho, 2016), tendo pouca ou nenhuma relação com o clube e a TO dos frequentadores. Sobre isso, uma das lideranças do Sobranada 1902 comentou o seguinte:

A dinâmica dos bailes no Rio de Janeiro é baseada pelos bairros. Até por isso, o Sobranada e o Bate Anda têm uma relação de mais ideologia nos seus confrontos. Justamente, porque os grupos já se conhecem de outros momentos do cotidiano e o baile é um deles (Washington, Sobranada 1902, 22/10/2023).

Já no Nordeste, especificamente no estado do Ceará, o Lado A era representado por integrantes da Leões da TUF e o Lado B, por membros da TOC. Cada grupo entrava por uma extremidade do local do festejo e aproveitava as músicas com o seu “bonde” (Rezende, 2024), até o momento em que o juiz se direcionava para o centro do baile e o narrador convidava ambos os lados para o embate. A esse respeito, um dos líderes do Bonde da Aliança afirma:

As uniões do Lado A e do Lado B são encabeçadas historicamente pela Cearamor e a TUF. No fim dos anos 1990, o Bonde da Aliança estava dentro da Cearamor e já tinha uma grande importância na torcida, justamente, por nosso bom desempenho nos bailes. Desde aquela época, somos predominantes na capital do Ceará. Apesar de hoje sermos um grupo independente, ainda seguimos a linha ideológica na qual fomos formados e, por isso, fazemos parte do Lado B (Gildo, Bonde da Aliança, 20/10/2023).

Quanto às músicas, muitas vezes, escutavam-se "montagens de galera" ou "proibições"¹² (Coelho, 2016). Estas exaltavam as galeras e suas comunidades de

¹² "Montagens de galeras" e "Proibições" são termos relacionados ao funk carioca, com foco no contexto das comunidades e bailes funk. As "galeras" referem-se a grupos territoriais com identidades próprias,

origem, com letras que incitavam a rivalidade e colocavam o confronto em um papel crucial de "esquentar" o ambiente e ditar o ritmo das brigas. A esse respeito, um dos diretores dos Ultras do ABC de Natal afirma:

As músicas exaltam os bairros de origem dos bondes que formam o Lado no baile. Aqui somos predominantes da Zona Norte de Natal e, por esse motivo, nossas músicas têm letras que falam das ruas e de pontos específicos dessa parte da cidade. Nesse ponto, a ordem que as músicas são tocadas é importante, já que muitas vezes elas que vão direcionar para o início, continuação e/ou fim dos confrontos (Alberi, 30/10/2023).

Além de ser um ambiente musical, festivo e dançante, os bailes de corredor eram espaços onde os jovens afirmavam práticas de lazer consideradas desviantes (Becker, 2019), suas identidades, a lealdade ao seu grupo e o pertencimento a um determinado território (bairro ou comunidade). A vitória no confronto do baile era uma forma de ganhar respeito e "moral" entre os pares. Contudo, mais importante do que vencer no baile era o ato de enfrentar o rival com honra, utilizando os corpos como instrumentos de ataque e de defesa, sem recuar diante dos oponentes.

Os códigos, que eram respeitados nos bailes, seguiam uma norma de honra (Pitt-Rivers, 1992), de ideologia, de não "covardia" e de respeito à vida: armas brancas e de fogo eram proibidas, e agredir pessoas caídas e desacordadas também. Para que esses códigos não fossem violados, os bailes contavam com juízes, que separavam os confrontos e autorizavam o reinício dos embates.

No início dos anos 2000, as autoridades fluminenses e dos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte extinguiram os bailes de corredor, colocando-os na clandestinidade. Com a proibição, os frequentadores dos bailes buscaram outros

enquanto os "Proibidões" são músicas com letras explícitas e violentas, muitas vezes produzidas a partir de gravações de bailes. As montagens, nesse contexto, são criações musicais que misturam trechos de músicas, vozes e efeitos sonoros, muitas vezes para exaltar a identidade de uma galera ou para criar uma atmosfera específica de baile.

ambientes para continuar a cultura da trocação¹³. Dessa forma, no Rio de Janeiro, boa parte desse público migrou para as TOs (Teixeira, 2003). Já no Ceará e no Rio Grande do Norte, como boa parcela dos participantes dos bailes já fazia parte das TOs, o que se constatou foi uma solidificação dessas torcidas. Isso fez com que, num primeiro momento, a violência entre elas aumentasse. Ao mesmo tempo, ela tornou-se mais controlada, pois passou a seguir os códigos dos bailes de corredor (diga-se de passagem, ainda hoje, os referidos estados possuem uma cultura de brigas na mão). No entanto, ao longo dos anos, as brigas foram mudando de forma, ganhando cenários de vinganças pessoais e perdendo a lógica do jogo.

Embora violentos (os socos e pontapés podiam ferir com certa gravidade), os confrontos no corredor possuíam um caráter ritualístico. Havia, portanto, uma moral e um código de ética – ainda que nem sempre seguidos –, que diferenciava esses confrontos de uma briga de rua aleatória. A vitória no "corredor" elevava o *status* do lado e de seus participantes. Coelho (2016) mostra que, no Rio de Janeiro, os grupos, inclusive, se respeitavam, e que aquele sujeito que se destacava nos confrontos era admirado até por seus adversários.

Nos bailes, o ganhar e o perder não podiam se dar a qualquer custo, pois eram vistos como uma prática de lazer. Isso implicava a consciência de que novos confrontos aconteceriam nos dias seguintes, o que permitia a prevalência de uma ideia de jogo, não de extermínio (Coelho, 2016). Quanto a isso, Gildo, do Bonde da Aliança, relata:

Como os bailes aconteciam toda semana, não existia essa ideia de vencer a qualquer custo. Na verdade, como enfrentávamos os nossos rivais do Lado A com determinada frequência, isso fazia com que o ganhar e o perder, apesar de importante, não era tão crucial quanto em brigas de torcidas (Gildo, Bonde da Aliança, 20/10/2023).

¹³ Na linguagem das periferias e torcedora, trocação são as brigas que utilizam apenas os corpos dos participantes como formas de ataque e de defesa.

Essa ideia, todavia, perdeu-se em boa parte dos confrontos em torno do futebol. Atualmente, no campo de interação das TOs, prevalece, com certa frequência, a ideia de vingança e de vitória a qualquer custo, flexibilizando códigos de ética e de honra. Apesar disso, as dinâmicas dos bailes de corredor tiveram uma influência fundamental na formação das uniões de TOs no Nordeste. Por exemplo, o conceito de "lados" e a formação de "galeras" em torno de identidades territoriais e de rivalidades foram replicados. As torcidas que se aliaram ao "Lado A" ou ao "Lado B" adotaram essa lógica de irmandade entre clubes "do mesmo lado" e inimizade com os do "lado oposto".

Com o tempo, essa dinâmica torcedora acabou alcançando os torcedores comuns, que passaram a frequentar os jogos contra clubes considerados aliados sem se preocuparem com confrontos. Hoje em dia, movimentam-se livremente com a camisa do seu clube no meio da torcida adversária, por confiarem que as alianças serão respeitadas. Por sua vez, as autoridades policiais, em jogos de torcidas aliadas, deixaram de escoltar os visitantes e de separar rigidamente as torcidas, como ocorre em partidas consideradas de risco.

Diante do exposto, podemos afirmar que o fim dos bailes fez com que muitos dos seus participantes passassem a frequentar de maneira mais ativa as TOs, uma vez que estas passaram a lhes oferecer uma nova fonte de pertencimento, vivência de rivalidades e a possibilidade de participarem de confrontos físicos contra grupos rivais. Para mais, não podemos afirmar que todas as táticas efetuadas durante as pelejas entre o Lado A e o Lado B foram transferidas para o circuito das TOs, mas sim que, em dados contextos, algumas práticas migraram, como a utilização de protetores bucais e de

roupas que permitem aos membros maior movimentação durante as brigas e que denotam conhecimento de determinada arte marcial.

Por fim, vale mencionar que os "bodes" (emboscadas) e os confrontos programados ou espontâneos entre torcidas rivais em dias de jogo ou em outros momentos refletem, em certa medida, a dinâmica dos "corredores" dos *bailes funk*, onde a disputa por território e a afirmação da força do grupo eram centrais. Em suma, os bailes *funk* de corredor se configuraram como espaços de lazer que propiciaram construções de identidades juvenis, pertencimento, sociabilidade e de rituais de confrontos que moldaram profundamente a forma como as TOs do Nordeste se estruturam em alianças e rivalidades, perpetuando, em muitos casos, a dinâmica dos confrontos corporais.

As Dinâmicas da “União do Lado A” e da “União do Lado B”

Os bailes de corredor, além de influenciarem o ambiente das torcidas de pista – em relação a confrontos físicos com ideologia e honra (Pitt-Rivers, 1992), a fim de negar as covardias, espancamento de torcedores e mortes –, também motivaram a criação e o nome das alianças de torcidas do Nordeste brasileiro. A União do Lado A e a União do Lado B (Cabrera, Sousa & Sudário, 2024) são frutos umbilicais dos bailes de corredor do estado do Ceará, no qual o primeiro grupo é vinculado à TUF e o segundo é encabeçado pela TOC e outras torcidas do Ceará.

No Nordeste, existe uma complexidade nas alianças torcedoras, pois, na maioria das ocasiões, os grupos fazem parte de mais de uma união, o que faz com que os princípios da Síndrome do Beduíno (Souza, 2020) sejam relativizados em dados momentos, conforme já antecipamos. Isso ocorre com a União do Lado A e do Lado B,

uma vez que a maioria das torcidas do Lado B possuem aproximações com a União do Dedo pro Alto¹⁴ (Souza, 2018), enquanto algumas TOs do Lado A possuem laços de amizade e de respeito com a União do Punho Cruzado¹⁵ (Cabrera; Sousa & Sudário, 2024; Rezende, 2024). Esse emaranhado de relações deve-se à característica fluída que as uniões possuem, já que podem começar e/ou terminar por desentendimentos pessoais e/ou relações antagônicas das torcidas. Quanto a isso, Acosta afirma:

As uniões de torcida devem ser entendidas pela geração dos que estão à frente dos grupos. Quando entrei na Fanático já existiam as uniões e quando assumi a diretoria precisei respeitar as dinâmicas que já estavam construídas. Quanto ao Lado B e ao Lado A, essas são uniões que fogem o padrão, justamente, pela dimensão territorial do nosso país. Por isso, não dá para cobrar de uma torcida do Lado B que siga uma linha ideológica somente das torcidas do dedo pro alto. Um exemplo, não se pode questionar a Fanático por sua irmandade com o BBF, afinal, temos a nossa própria caminhada. Isso sem desrespeitar, é claro, nossas aliadas também que são inimigas deles, como a Ira Jovem do Vasco e a Torcida Jovem do Grêmio (Acosta, TJF do Náutico, 29/06/2025).

De acordo com os nossos achados, as principais motivações para a solidificação de diferentes uniões são: em primeiro lugar, o fato de o Brasil ser um país de dimensão continental, o que torna inviável o estabelecimento de caravanas para todas as partes e, por conseguinte, ser ainda mais necessário o estabelecimento de laços de afinidades em diferentes localidades.

Em segundo lugar, o fato de os clubes do Nordeste, historicamente, frequentarem divisões inferiores do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, o que

¹⁴ Uma das principais uniões de TOs do Brasil. Ela foi criada pela Torcida Jovem do Botafogo e, atualmente, conta com mais de dez torcidas. As mais atuantes são: Força Jovem do Vasco, Galoucura do Atlético Mineiro, Mancha Verde do Palmeiras, Bamor do Bahia, Cearamor do Ceará, Terror Bicolor do Paysandu, Geral do Grêmio e Explosão Inferno Coral do Santa Cruz. Para mais, a referida união possui esse nome por conta do símbolo com os dedos para o alto que os seus membros fazem.

¹⁵ A união do Punho Cruzado é a principal rival da União do Dedo pro Alto, e o seu nome está vinculado ao símbolo com os punhos cruzados que os seus membros realizam. Ela foi fundada pela Torcida Jovem do Flamengo e conta com as seguintes associações: Torcida Tricolor Independente do São Paulo, Máfia Azul do Cruzeiro, Pavilhão Independente do Cruzeiro, Torcida Jovem do Sport e Camisa 12 do Internacional. Para mais, existem grupos agregados à essa união, são eles: Dragões Atleticano do Atlético Goianiense, Facção Jovem do Campinense e Jovem Garra Tricolor do Fortaleza.

os motivou a estabelecer laços de amizade e alianças com TOs de clubes que tenham mais chance de enfrentar. Acosta, ex-diretor da TJF do Náutico, explica que:

Precisamos entender que as uniões do Lado B e do Lado A funcionam de maneira independente às demais. Valorizamos nossa cultura, nossa forma de ser, nossas expressões regionais e com o futebol não é diferente. Por isso, muitas vezes você observa que existem relações que não fazem sentido para outras uniões, como a aproximação dos nossos rivais da Explosão Inferno Coral e da TUF. E na minha opinião essas relações devem ser respeitadas por outras torcidas. Em relação a isso também, quero dizer que a união se fortalece quando os times se enfrentam com maior frequência, porque se as torcidas não têm a oportunidade de se encontrarem nunca, não dá para chamar de união e sim de amizade, de respeito (Acosta, TJF do Náutico, 29/06/2025).

Nesse sentido, precisamos considerar outros contextos brasileiros, de modo a reconhecer que as aproximações e afastamentos entre as TOs se mostram maleáveis, até certo ponto, e passíveis de mudanças ao longo dos anos. Afinal, dependem também das diretorias das torcidas, dos campeonatos disputados, da incidência de jogos e da “ideologia” dos grupos (por exemplo, se é ou não uma torcida de pista). A título de exemplo, a Explosão Inferno Coral, do Santa Cruz, que tem como símbolo o dedo pro alto, sendo aliada de boa parte das torcidas dessa união, possui como uma das principais aliadas a Leões da TUF do Fortaleza, rival declarada das torcidas do dedo pro alto e aliada de torcidas do punho cruzado, como a Máfia Azul, do Cruzeiro.

Outro ponto a ser sublinhado são as brigas entre TOs do mesmo clube. Nas últimas décadas, pudemos observar diferentes confrontos, como o da Torcida Jovem e da Raça Rubro-Negra, do Flamengo (Rezende, 2024); da Maior do Nordeste e da Gang da Ilha, do Sport; da Máfia Azul e da Pavilhão Independente, do Cruzeiro; da Fúria Jovem e da Torcida Jovem, do Botafogo; da Leões da TUF e da Jovem Garra Tricolor, do Fortaleza; e da TOC, do Movimento Organizado Força Independente e do Bonde da Aliança (Rezende, 2024), do Ceará.

Mas o que explica os confrontos entre duas TOs de um mesmo clube? Como emergem as desavenças entre elas? Imaginemos que um clube tenha duas TOs principais, a Torcida X e a Torcida Y. Assim, se a Torcida X se alia a uma torcida da "União do Lado A" e a Torcida Y se alia a "União do Lado B", isso tende a criar uma cisão imediata. Mesmo que ambas torçam para o mesmo clube, a lealdade às suas respectivas uniões tende a se sobrepor. Outro fator que pode explicar esses confrontos dentro da arquibancada de um mesmo clube são os antagonismos translocados, ou seja, quando as inimizadas e amizades são transferidas para dentro do próprio clube. Se a Torcida X (Lado A) é amiga da Torcida Z (Lado A) de outro clube, e a Torcida Y (Lado B) é inimiga dessa mesma Torcida Z, essa rivalidade se reflete na relação entre X e Y.

Outra razão para os conflitos entre TOs do mesmo clube são as disputas por poder e território. Com a existência de "lados" políticos dentro do próprio clube, há uma disputa por hegemonia¹⁶, ou seja, por quem tem o domínio das arquibancadas. Essa disputa manifesta-se em lutas pela ocupação de espaços no estádio, pela organização de caravanas, pela distribuição de materiais e, até mesmo, pelo direito à voz nas decisões junto à diretoria do clube. Nessas lutas, as torcidas de primeiro escalão¹⁷ possuem o domínio estrutural e político das ações realizadas nas arquibancadas. Para não perderem esse domínio e, conseqüentemente, sua hegemonia, fazem concessões às torcidas de

¹⁶ Em relação à ideia de hegemonia, Gramsci (1977) destaca que nenhum consenso é absoluto nas sociedades capitalistas, já que eles não funcionam pela lógica do tudo ou nada. Ao contrário, os grupos dominantes permitem/fazem sistematicamente concessões, pois a hegemonia não é uma dominação passiva, já que os agentes da classe trabalhadora possuem certa perspectiva crítica das opressões a que estão sujeitos. Por isso, a hegemonia é permanentemente atacada, testada e desafiada pelos grupos subalternos. O conceito de hegemonia vislumbra, assim, uma forma de dominação que é ativa, já que a própria classe subalterna participa da dominação a qual está sujeita.

¹⁷ As TOs de primeiro escalão são as principais torcidas dos clubes brasileiros. Essa é uma denominação nativa. A ideia de primeiro e segundo escalão é concebida e organizada a partir da influência que os grupos possuem nas arquibancadas, na política no clube e na relação com os outros grupos torcedores. Em maioria, as torcidas de primeiro escalão possuem laços de amizades, alianças e inimizadas com outras torcidas de primeiro escalão, e as de segundo escalão, com grupos secundários de outros clubes.

segundo escalão¹⁸. Porém, nem sempre essas concessões são suficientes. Assim, quando isso ocorre e uma TO de segundo escalão coloca em xeque a hegemonia da torcida de primeiro escalão, violentos confrontos tendem a eclodir.

Diante do exposto, podemos afirmar que as uniões de TOs (Cabrera, Sousa & Sudário, 2024) revelam dinâmicas complexas de identidade, poder, territorialidade e, paradoxalmente, solidariedade em meio a um ambiente marcado pela rivalidade. As alianças torcedoras devem ser interpretadas como uma extensão do processo de construção identitária que, em alguma medida, define a coletividade das TOs.

Se a torcida de um clube já estabelece um "nós" em oposição a um "eles" (os rivais), a união entre torcidas de diferentes clubes amplia esse "nós", baseando-se em inimigos comuns ou em princípios ideológicos compartilhados (ainda que nem sempre explicitados). Essa identidade expandida pode gerar um sentimento de pertencimento e força ainda maior, onde a lealdade não se restringe apenas ao clube de origem, mas se estende à aliança estabelecida entre torcidas e à símbolos por elas utilizados.

Em suma, as uniões de TOs são um fenômeno multifacetado que, ao mesmo tempo em que é influenciado pelas lógicas e representações características de outros campos sociais, como o do *funk*, faz parte de um microcosmo social que possui dinâmicas e questões específicas. Não é possível compreendê-las sem considerarmos que seus agentes possuem, antes de tudo, certo número de interesses fundamentais, afinal todo antagonismo pressupõe um acordo entre os antagonistas, sobre aquilo que merece ser disputado ou combatido. Se tanto o "Lado A" quanto o "Lado B" não

¹⁸ As torcidas de segundo escalão na linguagem torcedora são aqueles grupos que não são considerados uma torcida de primeiro escalão. Em tese, os principais clubes brasileiros possuem uma torcida de primeiro escalão e todas as outras do clube são de segundo escalão. A definição para uma torcida ser de primeiro ou de segundo escalão é o número de integrantes, ter a pista como marco identitário, presença em jogos fora de casa (caravana), possuir sede própria e alguns departamentos, como: ação social, caravana, patrimônio e arquibancada.

estivessem de acordo em relação ao valor de uma série de troféus – roubo de bandeiras adversárias, vitória na “pista”, tamanho da caravana etc. – sua rivalidade se esfumaria, assim como as próprias uniões, pois esse desacordo faria com que seus membros considerassem os esforços para obtenção desses troféus como absurdos, sem sentido. Assim, tal fenômeno torna-se indispensável para o desenvolvimento dos “jogos sociais” entre eles (Bourdieu, 1996). Jogos que, conforme buscamos mostrar, são atravessados pelas ambiguidades e contradições que caracterizam toda forma de cooperação e conflito. Compreendê-los exige um olhar que transcenda o senso comum e que se aprofunde nas motivações e estruturas que os sustentam, reconhecendo tanto seu potencial de agregação quanto de desagregação.

Considerações Finais

A presente investigação buscou compreender como se constituem as alianças entre TOs do Nordeste do Brasil, tomando como eixo central de análise os sentidos de pertencimento, lazer e territorialidade construídos a partir da cultura dos bailes *funk* de corredor. Ao longo da pesquisa, foi possível observar que a dinâmica de confrontos corporais, inicialmente experienciada nos bailes por meio de códigos de honra e práticas lúdicas, foi transferida, em alguns contextos, para o universo das torcidas de futebol. Se isso não foi feito de maneira integral, ao menos serviu de motivação e/ou de exemplo para os próprios torcedores questionarem a forma com que boa parte das TOs vem encarando as pistas. Para mais, os bailes auxiliaram na modulação de estilos de vida, formas de sociabilidade e lógicas de antagonismos juvenis, como é o caso das uniões de torcidas do Nordeste.

Desse modo, as uniões do Lado A e Lado B, oriundas diretamente do contexto cearense dos bailes de corredor, são expressões concretas de como essas práticas de lazer popular influenciaram o campo de interação das TOs, tanto em seus aspectos logísticos (deslocamentos e alianças regionais) quanto em sua gramática simbólica (ética do corpo, da coragem e da fidelidade grupal). Embora o *ethos* torcedor das TOs nem sempre esteja alicerçado na violência, é notável que, para um segmento desses coletivos, o confronto físico se insere como elemento estruturante de reconhecimento e distinção interna, reafirmando valores de virilidade, disposição e pertencimento.

Destacamos, ainda, que a configuração dessas uniões não pode ser interpretada a partir de uma lógica estanque. A multiplicidade de alianças, por vezes contraditórias, revela uma plasticidade organizativa, que responde a fatores territoriais, econômicos e políticos, como o calendário desigual das competições nacionais e as estratégias de sobrevivência e fortalecimento de torcidas em contextos de baixa visibilidade esportiva e institucional. Em termos mais amplos, este estudo evidencia que as TOs e suas alianças não são meros espaços de violência gratuita, como frequentemente retratadas pelos discursos midiáticos e institucionais. São, sobretudo, territórios de construção identitária e resistência simbólica para juventudes periféricas, que, diante da negligência estatal, reinventam formas de sociabilidade, lazer e protagonismo coletivo.

Por fim, destacamos que é necessário que os estudos acadêmicos (e as políticas públicas) avancem em leituras mais complexas e contextualizadas sobre os sentidos do torcer, reconhecendo as TOs não apenas como um problema de segurança pública, mas, também, como um fenômeno social multifacetado, cujas expressões carregam, ao mesmo tempo, contradições e potencialidades. Neste ponto, o desenvolvimento de estudos transnacionais, que permitem a comparação e o contraste entre experiências

retiradas de contextos distintos, nos parece particularmente promissor. Em uma perspectiva mais global, poderíamos, por exemplo, verificar até que ponto as uniões entre as TOs brasileiras operam de forma similar às alianças estabelecidas entre os grupos ultras da Europa (Dyal, 2018). Afinal, se, por um lado, esses grupos valorizam a irmandade, a lealdade e a defesa do grupo; por outro lado, estabelecem, às vezes, alianças a partir de outros critérios, como o político-ideológico. Certamente, esses estudos podem vir a oferecer um panorama mais amplo e um diagnóstico mais preciso do (complexo) campo de interações das torcidas de futebol. Panorama e diagnóstico indispensáveis para a prevenção da violência em um cenário em que o futebol é cada vez mais globalizado e que as competições internacionais entre clubes são cada vez mais frequentes – como o Mundial da Fifa de 2025 –, promovendo o encontro (nem sempre amistoso) entre grupos torcedores de diferentes partes do mundo.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. **Outsiders: estudos da Sociologia do Desvio**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão Técnica Karina Kuschnir. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CABRERA, Nicolás; SOUSA, Raquel; SUDÁRIO, João Vitor. **Mapa das Alianças entre Torcidas Organizadas**. Observatório Social do Futebol, 30 de setembro 2024. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/2024/09/30/mapa-das-aliancas-entre-torcidas-organizadas-2024/> Acesso em: 22 jun. 2024.
- COELHO, Gustavo. **Deixa os garotos brincar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- CYMROT, Danilo. Ascensão e declínio dos bailes de corredor: o aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 169-179, jul./dez. 2012.
- DYAL, Mark. **Hated and proud: ultras contra modernity**. London: Arktos, 2018.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL**, v. 1, n.1, p. 3-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del cárcere**. Turim: Einaudi, 1977.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana**, v.5, p. 367-404, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=all&id=W2587075902>. Acesso em: 26 jul. 2025.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13072012-103725/publico/lopes_do.pdf. Acesso em: 26 jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.47.2012.tde-13072012-103725>.

MEDEIROS, Jimmy; LOPES, Felipe Tavares Paes; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. II Censo ANATORG: um estudo sobre as visões de torcedores organizados acerca do fenômeno da violência no futebol brasileiro. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 18, n. 1, 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol, violência e autoafirmação**: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra. In: CZECHOWSKY, Nicole (org.). **A honra**: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco. Porto Alegre: LP&M, 1992.

REZENDE, Fábio Henrique França. **Os bondes de pista**: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/77904/4/Disserta%3%a7%20a3o%20-%20F%3%a1bio%20Henrique%20Fran%3%a7a%20Rezende.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem**. 2018.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. **Csonline** (UFJF), v. 31, p. 192, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 10 maio 2025.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. n.10/11, p.85-104, 2001. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/041449_Rosana%20-%20Torcidas%20jovens.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Aprendizagens e sociabilidades juvenis: a experiência das Torcidas Jovens cariocas**, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

Endereço dos(a) Autores(a):

Fábio Henrique França Rezende
Endereço eletrônico: fabiohrezende94@gmail.com

Ana Luiza Pimenta Carvalho
Endereço eletrônico: analuzacarvalho2009@hotmail.com

Felipe Tavares Paes Lopes
Endereço eletrônico: lopesftp@gmail.com

Silvio Ricardo da Silva
Endereço eletrônico: prof.srs@gmail.com